

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos 2



Atena
Editora
Ano 2019

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História: diálogos contemporâneos 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos Contemporâneos; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-560-0 DOI 10.22533/at.ed.600192308 1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série. CDD 900.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E PEDAGOGIA	
<i>Mônica Andrade Modesto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923081	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: COMO REPENSAR UMA HISTÓRIA DO CONFLITO ARMADO COLOMBIANO NUM CENÁRIO DE “PAZ”?	
<i>Ana Cecília Escobar Ramirez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923082	
CAPÍTULO 3	26
HISTÓRIA.COM: ENSINO DE HISTÓRIA, FONTES DOCUMENTAIS E HISTORIOGRAFIA	
<i>Maria Aparecida da Silva Cabral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923083	
CAPÍTULO 4	36
EXPONERE: ENTRE DESIGN, MEMÓRIA E HISTÓRIA	
<i>Fernanda Deminicis de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923084	
CAPÍTULO 5	40
HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA COMO EXERCÍCIO DE METATEORIA	
<i>Rogério Chaves da Silva</i> <i>Paulo Alberto da Silva Sales</i> <i>Sidney de Souza Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923085	
CAPÍTULO 6	56
HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CELESTINO ALVES: UMA ANÁLISE DO LIVRO “RETOQUES DA HISTÓRIA DE CURRAIS NOVOS”	
<i>Fabiana Alves Dantas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923086	
CAPÍTULO 7	68
HARRY POTTER E POLÍTICA: PARALELISMO ENTRE O ENREDO POLÍTICO DE HARRY POTTER E AS CIÊNCIAS POLÍTICA REAIS	
<i>José Carlos Corrêa Cardoso-Junior</i> <i>José Antonio de Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923087	
CAPÍTULO 8	76
VIOLÊNCIA E MEMÓRIA COMO MATRIZES PARA IDENTIDADES NO SÉCULO XX	
<i>Lucas de Mattos Moura Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923088	

CAPÍTULO 9	90
HISTÓRIA INTELECTUAL DOS 'CARDEAIS' DA ESCOLA NOVA NO BRASIL	
<i>César Evangelista Fernandes Bressanin</i>	
<i>Milian Daniane Mendes Ivo Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923089	
CAPÍTULO 10	104
IMAGEM X LITERATURA: A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM EM OS MAIAS DE EÇA DE QUEIRÓS	
<i>Nívea Faria de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230810	
CAPÍTULO 11	114
MICRO-HISTÓRIA E NARRATIVA ORAL NO NORTE PARANAENSE	
<i>Marcia Regina de Oliveira Lupion</i>	
<i>Lucio Tadeu Mota</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230811	
CAPÍTULO 12	124
MOVIMENTO NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL: APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ESTADO	
<i>José Antônio Dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230812	
CAPÍTULO 13	136
MULHER E FEMINISMO: PERCEPÇÕES ATRAVÉS DO ROMANCE "A DEUSA DO RÁDIO" DE HELONEIDA STUDART	
<i>Ioneide Maria Piffano Brion de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230813	
CAPÍTULO 14	145
O PAI DOS POBRES: UM OLHAR SOBRE A ASCENÇÃO DO POPULISMO DE GETÚLIO VARGAS NO ESTADO NOVO	
<i>Adilson Tadeu Basquerote Silva</i>	
<i>Eduardo Pimentel Menezes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230814	
CAPÍTULO 15	155
O TRATADO SECRETO ENTRE PERU E BOLÍVIA DE 1873 E AS RELAÇÕES COM A ARGENTINA, BRASIL E CHILE	
<i>Adelar Heinsfeld</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230815	
CAPÍTULO 16	165
O ÚLTIMO ADEUS: A SUBLIMAÇÃO DA DOR E O AMOR METAFÍSICO	
<i>Maristela Carneiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230816	

CAPÍTULO 17	180
POLÍTICAS PENAIS NO PARANÁ – DO AVANÇO DO APRISIONAMENTO AO GERENCIAMENTO DA MASSA DE APENADOS	
<i>Rivail Carvalho Rolim</i>	
<i>Letícia Gonçalves Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230817	
CAPÍTULO 18	195
PUERICULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E À INFÂNCIA (1930-1945)	
<i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i>	
<i>Maurício Barreto Alvarez Parada</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230818	
CAPÍTULO 19	204
QUEERMUSEU: INCLUSÃO E DIVERSIDADE SOB O OLHAR CONTEMPORÂNEO	
<i>Manoel Messias Rodrigues Lopes</i>	
<i>Suely Lima de Assis Pinto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230819	
CAPÍTULO 20	216
RAÍZES HISTÓRICAS DA CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA EM SALVADOR, (1777-1808)	
<i>Augusto Fagundes da Silva dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230820	
CAPÍTULO 21	228
RECOMPOSIÇÃO BURGUESA, AMPLIAÇÃO DO ESTADO E AS NOVAS SOCIABILIDADES DO CAPITAL: O INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO, GÁS E BIOCOMBUSTÍVEIS – IBP	
<i>Marcio Douglas Floriano</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230821	
CAPÍTULO 22	236
RELAÇÕES DE TRABALHO E CAUDILHISMO: AS BASES SOCIOECONÔMICAS DA GUERRA GAUCHA (ESPAÇO PLATINO, SÉCULO XIX)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230822	
CAPÍTULO 23	247
RENATO SOEIRO NO SPHAN: SUA TRAJETÓRIA ATÉ A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO	
<i>Carolina Martins Saporetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230823	
CAPÍTULO 24	258
REPRESENTAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DA REVISTA DO GLOBO ENTRE OS ANOS DE 1929 E 1937	
<i>Eduardo Barreto de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230824	

CAPÍTULO 25	271
VERDADE E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA ANÁLISE DOS SIMBOLOS DA ALEGORIA DA CAVERNA	
<i>Edson de Sousa Brito</i>	
<i>Camila de Souza Cardoso</i>	
DO 10.22533/at.ed.60019230825I	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	279
ÍNDICE REMISSIVO	280

EXPONERE: ENTRE DESIGN, MEMÓRIA E HISTÓRIA

Fernanda Deminicis de Albuquerque

Mestre em Design pela Pontifícia Universidade
Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

RESUMO: O presente texto é uma pequena reflexão acerca das possíveis contribuições do design em espaços museológicos, observando os estudos e usos que são feitos da cultura material em tais ambientes, levando em consideração as relações entre diferentes partes que gravitam ao redor dos museus, e a forma como se articulam a memória e as omissões que existem neste espaço.

PALAVRAS-CHAVE: museus, exposições, memória, design.

EXPONERE: BETWEEN DESIGN, MEMORY AND HISTORY

ABSTRACT: The present text is a small reflection about the possibles contributions of the design in museological spaces, observing the studies and uses that are made of the material culture in such environments, considering the relations between different parts that operate around museums, and how the memory and the omissions that exist in this space are articulated.

KEYWORDS: museums, exhibition, memory, design.

Esta breve contribuição pretende apresentar, de forma sucinta, algumas considerações baseadas em dissertação de mestrado que se propôs a versar sobre os museus e suas exposições, procurando observar mais acuradamente de que maneira esses espaços se apropriam e se utilizam dos campos do design e da história, pondo-os em diálogo no interior do ambiente museal. Assim, de forma concisa, o problema inicial identificado pela pesquisa são as relações existentes entre museus, as instituições mantenedoras do patrimônio histórico brasileiro, suas obras, objetos e exposições, o lugar que ocupam e seus visitantes. Tais como todas as relações humanas, essas acima enunciadas são complexas e multifacetadas, devendo ser observadas e estudadas dentro de seu contexto histórico, social, político e econômico. Nesta conjuntura, nos apropriando da noção de Campo elaborada e proposta por Pierre Bourdieu (2015), procuramos identificar os possíveis aportes que o Campo do Design pode oferecer ao espaço museológico, contribuindo para os estudos e disposições que são feitos da cultura material em tais ambientes.

Exposições, termo que se deriva do latim

exponere, tem em sua origem na noção de por para fora, entregar à sorte. Dessa maneira, uma exposição traz em seu cerne os sentidos que os seus organizadores desejam fazer chegar ao público, sendo, portanto, um meio entre os objetos, sejam estes de arte ou prosaicos, e o visitante. É justo nessa exposição que uma dada instituição encontra uma forma de se comunicar, criando inclusive uma identidade própria para esses discursos, entendidos aqui como a organização intencional de ideias que se apresentam de maneira a instilar determinado raciocínio e sentimentos a quem a ele é submetido, e que quando se solidificam se tornam fortes e dignificam a autoridade de quem fala a outrem. Podemos ainda levar em consideração que expor objetos, que são compreendidos como bens culturais, legitimados por instituições competentes, é de certa forma afirmá-los como essenciais para uma determinada história, e portanto, uma memória.

Ao tratar de museus, em especial os de caráter histórico, é relevante se destacar o papel da memória e da história. Em seu trabalho, quando fala sobre a memória, Le Goff traz uma referência do pensamento de Tomás de Aquino que, baseado em uma materialidade que se fundamentava em Aristóteles, acreditava que para reter de forma adequada a memória, algo tão intangível e fugaz, ela deveria estar associada a qualquer coisa sensível, que pudesse ser símbolo para ela. Ora, a partir do momento que se liga tal memória aos objetos, passa a existir um conjunto de coisas materiais que têm valor simbólico para uma coletividade, que será uma das grandes responsáveis pela criação e valorização de um patrimônio cultural. Esses guardados ou arbitrários culturais, são capazes de manter e fortalecer a união daquelas pessoas que os partilham, e que assim os expandem cotidianamente ao logo dos tempos (LE GOFF, 2000). No que se aludi aos resquícios materiais do passado que chegam até nosso presente, cito que estes "são [...] produtos de uma operação seletiva que traduz o controle sobre as informações que a sociedade exerce sobre si mesma" (KNAUSS, 2006, p.5).

Elementarmente, então, trazendo tal argumento para os museus, podemos pensá-los como reflexos do que uma sociedade construiu e atribuiu valor. Mais especificamente tratando, ter controle e gerência sobre dado patrimônio cultural histórico faz também com que as instituições tenham domínio não só da memória que lhes cabe, como também dos silêncios que lhes são pertinentes, sendo interessante observar que o conteúdo selecionado a ser exibido, bem como o discurso que sua proposta museal irá formar é capaz de retratá-la, ainda que de forma tácita, não sendo clara ou direta.

Assim, circuitos expositivos trazem artifícios planejados, combinando objetos, imagens e textos, repletos de representação de valor simbólico, que unem conteúdo expressivo de informação com estímulos sensoriais que se propõem a fazer sentido ao visitante, versando sobre determinados racontos e omitindo tantos mais, de forma a atingir objetivos e suprir demandas das instituições que os criam e sustentam, sendo fulcral que sejam apreciados de forma atenta e crítica.

Ao refletirmos melhor sobre os objetos, podemos perceber que eles são capazes de se disfarçar, escondendo em si muitas especificidades que não podemos ver se o observarmos de forma simplória. Eles camuflam suas intenções de criação, seus métodos produtivos, o modo de trabalho pelo qual se originou, o emprego de seu uso, as formas pelas quais se ressignificou em diferentes espaços, e o seu real valor sem suas máscaras simbólicas.

Observando então a forma como se monta uma exposição e seu respectivo discurso, não se pode deixar de lado que, por trás de toda sua criação há pessoas que conscientemente trabalham tecendo narrativas, sugerindo recortes e argumentos, dispondo de objetos calculadamente selecionados e arrumados de forma não arbitrária. Nada, por certo, é exibido sem um pensamento prévio ou objetivo traçado que se almeja alcançar. Da iluminação às cores, às vitrines, aos textos, ao percurso bem demarcado, ou até mesmo um caminho que se mostre livre ao visitante. Para utilizar termos empregados por Poulot, desde que os museus passaram de “*dépôts*” para se tornarem “*expôts*” (POULOT, 2013, p. 27), e aqui, em uma origem na tradição do antiquariado, faço uma referência a passagem dos gabinetes de curiosidade, para os museus nos moldes como hoje os conhecemos, não há como se pensar suas exibições sem considerar as intenções e o manejo dos objetos que o museu possui em sua guarda.

Assim, é imprescindível se compreender que os objetos e produtos variados da cultura material, sejam eles triviais ou de arte, tridimensionais ou não, não emitem por si só os seus significados e nem são passíveis de serem “lidos” como uma espécie de texto. Sendo a sociedade uma coletividade, produtora de significados e de crenças, se entende que esta inculca e molda coercitivamente um *habitus*, ou seja, a forma como cada indivíduo percebe o seu entorno, de acordo com inúmeros interesses coletivos - os determinismos sociais - que geralmente são ocultos. Dessa forma, não poderiam os objetos criados pela sociedade emitir sentidos, e sim nós, enquanto pertencentes e partícipes dessa cultura, partilhando dos mesmos códigos e tempo histórico, projetamos esses sentidos, significados e simbolismos nos mesmos. Isso é muito claro no pensamento de Didi-Huberman (2010), quando ele diz que não “percebemos” as coisas do mundo, mas sim as “reconhecemos”. Ora, podemos então inferir que o olhar precisa ser condicionado e treinado para ver aquilo que se deseja mostrar. Não há um olhar neutro ou gratuito, sem um porquê.

Enunciadas essas questões, outro aspecto interessante de se abordar é que o design pode, e é, usado por interesses políticos para criar a noção de pertencimento, e ser artifício que, no caso dos museus, pode facilitar este reconhecimento desejado, criando um ambiente que seja mais confortável e aprazível ao visitante. Nesse ponto, é interessante mencionar a referência de Forty, que destaca com propriedade que o design nunca é empregado de forma ingênua, exemplificando, ainda que de forma anacrônica, que “impérios, exércitos, marinhas, ordens religiosas e empresas modernas, todos usaram design para transmitir ideias sobre o que são [e o que

projetam], tanto para o público interno como para o mundo exterior” (FORTY, 2013, p. 301). Em contraponto, o design pode também, dependendo da proposta, moldar recinto de provocação e incômodo, em uma tentativa de impelir um movimento ou posicionamento crítico no visitante. Há ainda aqui uma ressalva, o designer pode sim reproduzir noções, mas é importante se observar que nem sempre é eficaz em suas intenções, ressaltando aqui que a concepção de que o designer resolve problemas é um postulado mítico desta categoria.

Com todo o supracitado, chego ao meu objetivo, que é discutir a partir de uma análise, as formas de inserção do design nos museus, muito além da óbvia e epidérmica conhecida criação de material de divulgação, identidades visuais e outros materiais secundários de apoio às exposições, reforçando a importância do estudo minucioso da cultura material e da sociedade que gravita em seu entorno. As imagens e os objetos são poderosas fontes de pesquisa ainda pouco exploradas. Deve-se ressaltar a importância dos museus, enquanto instituições de posse de uma larga gama de bens patrimoniais, de investir e fomentar a pesquisa, buscando validar o uso das imagens e objetos como fonte histórica (DIDI-HUBERMAN, 2013), demonstrando a riqueza que podem oferecer a diversas áreas do saber, justo porque refletem a infindável capacidade e diversidade das sociedades, com suas complexas estruturas, em produzir material sensível.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: Contribuição para uma economia de bens simbólicos**. Porto Alegre: Editora Zouk. 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006, p. 5.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória, Livro II: Memória**. Lisboa: Editora Edições 70, 2000.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegoria da caverna 272

C

Colonização 122, 226

E

Ensino de história 26

F

Feminismo 136

Filosofia 12, 94, 95, 98, 123, 235, 271, 278

H

História intelectual 91, 102

Historiografia 40, 41, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 66, 88, 89

I

Igreja católica 115

L

Literatura 96, 99, 104, 112, 136, 137, 138, 144

M

Maias 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Meio ambiente 1, 12

Memória 6, 10, 13, 14, 18, 20, 34, 39, 56, 66, 67, 76, 88, 89, 102, 178, 245, 256

Micro-história 114

P

Política 15, 24, 68, 69, 70, 75, 102, 136, 150, 158, 164, 235, 258

Populismo 145, 154

R

Relações de trabalho 8, 236

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-560-0

